

Não teve nave gigante sobrevoando Nova York. Não teve raio destruindo o Big Ben. Não teve mensagem em frequência de rádio que levou décadas pra decifrar.

Teve um e-mail.

Chegou às 9h14 na caixa de entrada da ONU com assunto: Notificação extrajudicial — violação de propriedade intelectual intergaláctica. Estava em todos os idiomas ao mesmo tempo, o que tecnicamente não é possível, mas o jurídico da ONU decidiu não questionar esse detalhe.

O e-mail era educado. Formal. Tinha número de protocolo.

Os Velhari — nome que eles mesmos forneceram, com nota explicando que é impossível de pronunciar corretamente com anatomia humana mas que o transliterado seria suficiente para fins legais — estacionaram três naves na órbita e informavam que não tinham intenção hostil.

Tinham, no entanto, intenção processual.

A humanidade estava sendo processada por plágio visual.

Especificamente: o design dos carros populares brasileiros, segundo os Velhari, reproduzia com precisão desconcertante a tecnologia de transporte deles, patenteada há duzentos mil anos no registro intergaláctico de propriedade intelectual.

Anexo 1: fotos do veículo Velhari modelo básico, ano 40.000 a.C.

Anexo 2: foto de um Gol 1998 azul.

A semelhança era perturbadora.

A ONU convocou reunião de emergência. Durou onze horas. No fim decidiram responder o e-mail pedindo mais informações e um prazo razoável para análise. Os Velhari responderam em quarenta segundos informando que o prazo razoável já tinha vencido em 1974 e que estavam sendo generosos.

A montadora em questão disse que o design era original e que não tinha conhecimento de nenhuma patente intergaláctica vigente.

Os Velhari enviaram o número do registro.

A montadora disse que o sistema deles não reconhecia esse formato de número.

Os Velhari disseram que isso era problema da montadora.

Um advogado em Brasília entrou com um pedido de impugnação alegando que o tribunal intergaláctico não tinha jurisdição sobre o território nacional. Os Velhari enviaram, em resposta, um documento de oitenta páginas explicando que o território nacional está localizado num planeta que está localizado num sistema solar que está localizado numa galáxia que está, de fato, sob jurisdição do tribunal intergaláctico desde antes de o território nacional existir.

O advogado pediu mais trinta dias.

Os Velhari concederam quinze.

Enquanto isso a internet descobriu os anexos.

O Gol azul de 1998 virou meme em quarenta minutos. Alguém colocou as duas fotos lado a lado com a legenda "a montadora foi buscar referência lá fora mesmo." Um perfil de humor fez uma edição com o Gol voando entre estrelas. Chegou a dois milhões de compartilhamentos antes do almoço.

Os Velhari monitoravam as redes. Enviaram nota dizendo que não apreciavam a banalização de um processo judicial sério.

Alguém fez meme da nota também.

No décimo segundo dia, a montadora propôs acordo. Ofereceu reconhecimento público de inspiração involuntária e uma compensação simbólica.

Os Velhari rejeitaram a compensação simbólica.

Queriam o Gol.

Um exemplar original, 1998, azul, com menos de cem mil quilômetros.

Disseram que era para o museu.

O jurídico da ONU ficou em silêncio por um longo tempo tentando entender se entregar um Gol pra uma civilização intergaláctica resolveria ou criaria um precedente diplomático sem volta.

Decidiram entregar.

A cerimônia aconteceu numa sexta. Filmada ao vivo. O Gol foi içado por um feixe de luz até a nave enquanto o mundo assistia.

Os Velhari enviaram um último e-mail agradecendo a cooperação.

E perguntando se a humanidade tinha conhecimento de quem havia copiado o design da bateadeira.